

**Ciberespaço de protagonismo feminino:
discurso e inteligência coletiva**

*Cyberspace of feminine protagonism:
discourse and collective intelligence*

Nathália FONSECA¹

Resumo

O presente estudo versa acerca do trajeto iniciado na criação do computador e conceituação do ciberespaço, até sua ocupação e instrumentalização pelos Movimentos Feministas. Passando pelas relações de poder e seus dispositivos de manutenção, com o intuito de elucidar de que forma as novas tecnologias de comunicação estão inseridas nesse processo de combate ao patriarcado. Com base na teoria da inteligência coletiva de Pierre Levy (2014), a finalidade da pesquisa é demonstrar quais as condições de possibilidades de construções discursivas criadas pelas plataformas virtuais, e em qual sentido uma cultura participativa (JENKINS, 2009) colabora com a atual conjuntura da luta feminista: questionamento levado a mulheres feministas amazônicas, na cidade de Belém/PA, através da discussão no grupo focal, que serviu para elucidar de que forma essas mulheres percebem a relevância do ciberativismo a partir de suas vivências.

Palavras-chave: Ciberativismo Feminista. Cultura Participativa.

Abstract

This paper talks about the path from the beginning of the information technologies and the conceptualizing of cyberspace, till its occupation by the feminist's movements. It highlights the power relationships and its devices for maintenance of the status quo, aiming to demonstrate how using the information technologies turn possible to confront the patriarchy. Based on the concept of collective intelligence, by Pierre Levy (2014), this research aims to elucidate possibilities for a speech in construction created by virtual platforms. Further, in which sense the participatory culture (JENKINGS, 2009) collaborate with the feminist strike, questions approached by feminist women, amazonian's, to the city of Belém, through a focal discussion group. It shows in wich ways those women realized the relevance of cyber activism for their lives.

Keywords: Feminist Ciberactivism. Participatory Culture.

¹ Graduada em Comunicação Social: Multimídia/ ESTÁCIO-IESAM.
E-mail: s.nathaliafonseca@gmail.com

Introdução

Etimologicamente, o termo “cyber” é deriva de um termo grego, algo que (curiosamente) pode ser traduzido como “controle” ou “governo” numa possível alusão ao poder, uma enorme condição de possibilidade multimidiática que modificou as relações humanas para sempre. Em uma tentativa de conceituar o ciberespaço, Monteiro (2007) conclui que ele é:

(...) como um mundo virtual, onde são disponibilizados variados meios de comunicação e interação em sociedade. Um universo virtual onde se encontram quantidades massivas de dados, informações e conhecimento em que os textos são "mixados" a imagens e sons, em um hipertexto fluido e cheio de possibilidades, ou seja, um ambiente não físico, mas real, um espaço aberto, cheio de devires, onde tudo acontece instantaneamente, em tempo real e de durabilidade incerta. (MONTEIRO, 2007, p. 14).

Ciberespaço, não físico, virtual (LÉVY, 1999), um lugar desterritorializado e onipresente. Mesmo sem fronteiras físicas, um enorme ambiente de relações e desenvolvimento de tensões pessoais e sociais. A autora também define o ciberespaço como fluido. A fluidez, para Bauman (2000), é uma característica da modernidade:

O que todas as características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço e nem prendem o tempo, [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma, e estão sempre prontos (e propensos) a mudá-la; para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar (BAUMAN, 2000, p. 8).

A colocação de Bauman da Modernidade Líquida poderia, perfeitamente, se tratar da experiência no ciberespaço. Tal qual é a modernidade para o autor, o ciberespaço também é inconstante e maleável, independente do espaço – desterritorializado – e dependente do tempo. O ciberespaço é o espaço do agora: marcado pela circulação de informação em tempo real.

Uma possível interpretação do trecho “estão sempre prontos (e propensos) a mudá-la; para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar” é fazer uma relação com as condições de possibilidades de dado momento histórico,

aquilo que, segundo Foucault (1999), se define pelas tensões sociais do momento, que permitem a aparição de certos enunciados. Para a liquidez, o que flui é algo dependente do tempo, do momento histórico analisado. O que, dentro de um pensamento foucaultiano, pode significar a análise genealógicas da construção e definição de quem é o sujeito, num processo que o autor denominou história descontínua.

É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. E isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 2010, p. 7).

O sujeito para Foucault é constituído pelas tensões sociais que vive e discursos históricos que definem suas falas, numa rede de interinfluências que, num ambiente de interação poderosíssimo como o ciberespaço, se intensifica. Nesse sentido, Monteiro (idem) define o ciberespaço como uma “máquina abstrata”, semiótica e social. Que cria possibilidades para trocas simbólicas, ressignificação e irrupção de discursos. O ciberespaço é uma “máquina”, engenho destinado a transformar uma forma de energia em outra e utilizar essa transformação para produzir determinado efeito, possibilitando novas formas de se viver em sociedade; e “abstrata” por ser impalpável, intangível, e ainda assim, real e verdadeira.

O que emerge de possibilidade dessa nova maneira de se viver em sociedade (CASTELLS, 1999), é que se cria uma outra forma de sociabilidade, nunca antes experimentada. Nela, os espaços físicos tornam-se complementares diante da possibilidade de conectar-se infinitamente por meio das redes de internet. Castells versa acerca de uma “cultura de autonomia”, como a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas, que pode ser observada na internet e nos movimentos sociais:

Os movimentos sociais, embora surjam do sofrimento das pessoas, são distintos dos movimentos de protesto. Eles são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje com os projetos de amanhã. Os movimentos que observamos encarnam o projeto fundamental de transformar pessoas em sujeitos de suas

próprias vidas, ao afirmar sua autonomia em relação às instituições da sociedade (CASTELLS, 2013, p. 171).

Essa mesma cultura de autonomia pode ser experimentada dentro do ciberespaço. Ela irrompe em contrapartida à origem etimológica do termo *cyber*: em nada reforça o controle. A cibercultura é marcada pela possibilidade de interatividade. Jenkins (2009) acredita que a comunicação dentro do ciberespaço possui um viés mais independente para ideias e conteúdos, e que os sujeitos se veem mais livres para participar mais plenamente de sua cultura. Ou seja, possuem certa autonomia para narrar sua história em suas próprias *timelines*. É provável que esta autonomia não seja uma autonomia plena, afinal a consideração da maneira como os saberes e discursos se constituem tende a ser relevante. No entanto, as condições de possibilidades de um discurso contra hegemônico ser disparado através das mídias digitais são bem mais significativas do que as de uma mídia tradicional.

Dentro do ciberespaço, as antigas definições de produtor e receptor de comunicação foram bagunçadas pela possibilidade de interatividade; nele ambos produzem e consomem. Ambos criam sentidos, analisam discursos, discutem perspectivas. A posição de criador ou consumidor de informação dentro do ciberespaço é fluida e híbrida. O questionamento pertinente que fica é: esses deslocamentos dentro da relação de interlocução poderiam também influenciar as relações de poder?

A vida assume o predicado do sujeito poder: identidades sujeitadas

Foucault desacredita o poder como uma tecnologia exclusiva do Estado. Optando por investigar as relações de poder, o foco central de sua obra é o sujeito. O autor trabalha os enunciados a partir de suas manifestações periféricas: as microfísicas do poder. Manifestações possíveis de dispositivos distintos que nunca estão fixos no local de detenção de poder, em posições privilegiadas dentro da relação de poder. Tais dispositivos, para Foucault, segundo Revel (2005), são operadores materiais do poder. Os mecanismos de dominação podem ser observados abundantemente dentro das

microfísicas do poder. Para o presente trabalho, a relação relevante é a do poder com o saber, e a reverberação disso dentro das relações de gênero².

Os estudos de Hall (2015) acerca de como a identidade foi vista ao longo da história mostram que durante o período Iluminista, acreditava-se que a identidade do sujeito era algo que já havia sido designado desde o momento de seu nascimento; tal concepção era individualista e centrada no eu, além de ser centrada em um “eu” masculino. A noção de sujeito na modernidade lê a identidade como fruto das relações interpessoais, assim como com a cultura. O sujeito sociológico é visto como fruto da construção cultural, não autônomo, tendo sua identidade moldada e seus saberes sujeitados por dispositivos de manutenção do poder, ao mesmo tempo em que, através da interação, pode moldar outros sujeitos. Foucault vai um pouco além do pensamento construído sobre o sujeito sociológico, ao definir as “tecnologias do eu”:

Ao analisar a experiência da sexualidade e a história da experiência da sexualidade, fiquei cada vez mais consciente de que, em todas as sociedades, existem outros tipos de técnicas, técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem-se a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante. Chamemos a estes tipos de técnicas as técnicas ou tecnologias do eu (FOUCAULT, 1993, p. 207).

O que pode ser observado com o discurso feminista em voga, são mulheres se apropriando das tecnologias do eu para construir autoestima e desconstruir qualquer discurso que as ponha em condição de assujeitamento.

Embora a leitura acerca da formação da identidade dos sujeitos tenha sofrido mutações, o sujeito absoluto continua sendo masculino. O que significa, então, ser mulher em uma sociedade que tem consciência de que a identidade do sujeito é fruto de interações sociais na qual existe um sujeito absoluto?

Ao longo da história, mulheres foram censuradas pelo simples fato de serem mulheres, e repreendidas caso resolvessem subverter a censura. Foram silenciadas, torturadas, estupradas, queimadas. Violência fruto de uma sociedade não preparada para

² Fruto de construção social.

lidar com mulheres não submissas ao patriarcado. Enquanto o “tempo” e o “espaço” forem dominados pelo masculino, haverá mulheres dispostas a combatê-los, pois sempre há uma resistência, um saber assujeitado que irrompe ante a uma homogeneidade (FOUCAULT, 2005).

Quando falou sobre as microfísicas do estabelecimento do poder, ou dos privilégios, o autor afirmou que, inevitavelmente, a passividade diante dos dispositivos de poder e opressão se transforma em uma insurreição de pensamentos e saberes, os saberes que mesmo tidos como não adequados, não científicos, não balizados pela sociedade, encontram formas de irromper.

Por “saberes sujeitados”, eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. (...) esse saber que denominarei, se quiserem, o “saber das pessoas” (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeia) (FOUCAULT, 2005, p. 12).

Ser mulher em uma sociedade predominantemente masculina significa, até hoje, ter sua identidade moldada através de dispositivos de domínio masculino que definem o que se deve ser, falar, vestir. O que, dentro do pensamento de Beauvoir, é a definição da mulher como o “outro”.

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que esse parece destituído de significação se não evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. **O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro** (BEAUVOIR, 1946, p. 14 – Grifo nosso).

O masculino – detentor dos dispositivos de poder que atuam na moldagem das identidades – é quem decide o que cabe às mulheres. E, nesse pensamento, já se vivem mais de cinco mil anos de dominação masculina, patriarcal. Que resulta em descrédito dos saberes femininos.

O poder e o saber, como afirmado por Foucault, estão intrinsecamente ligados. Um dos dispositivos que trabalha na manutenção dessa relação é o discurso. Historicamente, o discurso sobre a mulher foi um discurso proferido pelo homem – como dito antes – que, por dominar os dispositivos discursivos pôde defini-la. O poder atua nos discursos através da construção de sentidos; nada do que se pense ou fale está isento de construções ideológicas. Dessa forma a diferença entre os gêneros foi sendo reforçada ao longo do tempo, repetidamente, até que fosse naturalizada.

Embora, segundo Foucault, seja impossível definir exatamente a origem de alguma manifestação de poder, o método de análise genealógica pode apontar quais caminhos foram traçados pelo discurso até alcançar seu estado atual – no caso do machismo, um problema estrutural.

A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries de formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas (FOUCAULT, 1999, p. 70).

O machismo é resultado de uma construção discursiva, solidificada através da ideia de que a mulher pertence ao espaço privado; através da subordinação feminina; através do direcionamento dado pela sociedade à construção da identidade das mulheres.

O enigma ocupado

Durante a Segunda Grande Guerra, a polarização entre Eixo e Aliados resultou em mais de setenta milhões de mortes e muita capacidade econômica, industrial e científica aplicada. Em meio a esse conflito, se tem registros do predecessor computador. Criado por Alan Turing, sua finalidade era decodificar as mensagens – a criptoanálise – das tropas navais alemãs. Denominada “the enigma”, a máquina de

Ano XIII, n. 08. Agosto/2017. NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>

Turing pôs as tropas Aliadas literalmente alguns passos à frente do Eixo, pois através dela era possível demarcar qual seria a próxima ação executada pelos inimigos.

As tecnologias trilharam um longo caminho do século passado até a atualidade, mas sua relação com o poder segue solidificada. Na sociedade em rede, quem detém o poder são os programadores e os computadores. Logo, as novas tecnologias estão inseridas no processo manutenção do poder. Não apenas na construção de sentidos, mas no sentido de que o poder, na atualidade, depende da tecnologia, seja no estabelecimento militar e de segurança, ou no setor financeiro, na mídia, e nas instituições de ciência e tecnologia. Castells (1999) não cometeu um erro ao afirmar que a expansão das redes de internet traria consigo uma nova forma de se viver em sociedade, na qual a realidade de vida conhecida e vivida antes de conhecermos o ciberespaço se mesclaria com o virtual a ponto de não mais ser possível distinguir a linha tênue entre as duas realidades.

Não obstante tenha sido criado para esses fins, e colonizado inicialmente por homens brancos e de classe média (JENKINS, 2009), o que pode ser observado desde a primavera feminista contra Eduardo Cunha, até as organizações das brasileiras e brasileiros contra o atual governo ilegítimo, é que a internet acabou – por cultivar uma cultura de autonomia – se tornando uma ferramenta de insurreição. Ela foi ocupada, instrumentalizada e territorializada pelos movimentos sociais, entre eles, o feminismo.

Contrapoder: superação do medo

Como já citado, Foucault acredita que a passividade de um dado grupo acaba resultando em um irrompimento daqueles saberes anteriormente dominados/sujeitados. É o que já aconteceu anteriormente, e vem acontecendo novamente com o feminismo, através de história descontínua. Mas o que se vive agora dentro dos movimentos feministas é uma forma peculiar de insurreição: um dispositivo de manutenção de poder foi envolvido, ocupado e ressignificado em sua essência. O “enigma”, criado para fins de guerra, é predecessor do computador moderno, que conectado à teia da internet se torna, nas mãos ciberativistas, uma condição de possibilidade para a irrupção deste saber sujeitado, ou, a partir de Castells (2013) uma ferramenta de contrapoder. Coexistentes, poder e contrapoder, dependem um do outro. No mesmo sentido, Castells

(2013), seguro no que denomina uma “inteligência afetiva”, necessária para a mudança social, aponta:

Segundo a teoria da inteligência afetiva, as emoções mais relevantes para a mobilização social e o comportamento político são o medo (um afeto negativo) e o entusiasmo (um afeto positivo) (CASTELLS, 2013, p. 22).

Trazendo o raciocínio de Castells para a realidade do Movimento Feminista, o medo (afeto negativo) pode se manifestar de maneira multifacetada através de violência física, sexual, psicológica. O medo é parte da vida das mulheres. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública do ano de 2015, 90% da população feminina tem medo de ser vítima de estupro. A insurreição ocorre quando a emoção se transforma em ação. E a luta contra a cultura do estupro é uma das pautas centrais do feminismo na atualidade. O afeto negativo é contraposto pelo afeto positivo, que neste caso é a certeza de que esse é um problema político enfrentado por todas as mulheres. E, sendo um problema político que acomete todas as mulheres, precisa ser enfrentado coletivamente.

A ideia de que o pessoal é político (HANISH, 1969) é atemporal. Problemas pessoais são problemas políticos quando uma mulher sofre assédio sexual rotineiramente; quando tem sua capacidade intelectual subjugada; ou quando tem suas possibilidades limitadas por ser uma mulher. A frase parte da consciência de que todos esses problemas não são idiossincrasias de uma outra mulher, mas fruto de um problema estrutural. Resultado de uma socialização que supervaloriza o eu masculino e sujeita e objetifica o feminino.

Não obstante, o feminismo atua como contrapoder quando afirma que o pessoal é político. O medo se transforma em libido de combate a esse discurso opressor. E é superado quando as mulheres passam a ter consciência dos mecanismos de manutenção de poder utilizados para amarrá-las à estrutura de dominação masculina. A emoção se transforma em ação.

Insurreição dos grupos de consciência: ciberativismo

O medo subvertido se transforma em força combativa que luta para destruir a estrutura opressora. Vive-se na sociedade em rede (CASTELLS, 1999). O caminho não

poderia ser outro: valer-se da ocupação do ciberespaço. No entanto, o que ocorre quando mulheres se apropriam das mídias digitais transcende o que, pejorativamente, é definido como “ativismo de sofá”. É um instrumento de guerra sendo usado como contrapoder; é uma mídia contra-hegemônica sendo usada como espaço de fala por sujeitos historicamente silenciados pela mídia hegemônica; é uma nova face de um espaço público sendo territorializado pelas mulheres.

Durante o feminismo de segunda onda³, passaram a existir nos EUA os grupos de consciência. No entanto, os estudos de Patricia Hill Collins (2000), apontam a existência de *safe spaces* desde a década de 1920, ela define: eram “espaços sociais nos quais mulheres negras falavam livremente”. Os grupos de consciência eram espaços de acolhimento nos quais essas mulheres criavam possibilidade de reconhecimento enquanto pares, se reconhecendo enquanto seres com subjetividades compartilhadas.

O avanço das tecnologias de comunicação, como previsto por Lévy (2014), possibilitou a criação de comunidades de compartilhamento de conhecimento dentro do ciberespaço, viabilizando a criação de uma inteligência coletiva através de ambientes virtuais que possibilitam troca de informação. A informação pode agora, através das mídias sociais, ser criada e propagada por sujeitos que tenham acesso ao ciberespaço. Movimento que culmina em condições de possibilidades para que grupos que possuem intenções de organização como das mulheres nos *safe spaces* se organizem através do ciberespaço, com o acréscimo de não exigir um espaço físico.

Eu acho que antes a gente se sentia muito isolado, entendeu? Eu tô aqui em Belém com um problema, e quando eu faço um texto e aí alguém vem e, as vezes nem é um texto pra algum espaço específico, as vezes só é um post, uma coisa básica, aqui, um desabafo meu. E aí uma pessoa compartilha, e de repente uma menina não sei da onde vem e diz ‘olha, eu também tô passando por isso, brigada pelo que tu escreveste’. E as vezes eu faço posts e tô nem aí, né, lancei. Aí vem alguém no meu inbox que eu nunca imaginei: “Flávia obrigada! Eu estava passando exatamente por isso mas eu não tenho coragem de escrever, eu não posso escrever e tu vai lá e escreve. Obrigada!” É muito bacana isso da gente conseguir se ver, agora a gente consegue se ver, agora a gente consegue se reconhecer, e reverberar. Nossa voz

³ No movimento feminista, as ondas demarcam os momentos históricos e suas pautas relevantes. O feminismo de primeira onda tinha como maior foco a luta sufragista; o de segunda visava os direitos reprodutivos. Entre outras coisas; o de terceira onda traz à tona a questão da micropolítica dentro do movimento, que visa as especificidades da vivência de cada mulher, em combate ao “discurso único” produzido nas ondas anteriores.

tá reverberando. A gente tá lançando por aí, e quando a gente acha que isso não sai do facebook, não sai do virtual, aí vem um amigo e diz ‘não, mas eu não vou fazer isso porque eu li no post da minha amiga que a gente não pode escrever esse tipo de coisa, que a gente não pode falar esse tipo desse jeito, a gente não pode se acomodar desse jeito’. É como a gente fala, a gente lança a semente, a gente não sabe onde ela vai parar, né, só lançou. E as vezes para em algum lugar que a gente não fazia a menor ideia, mas faz um efeito [sic] (CÂMARA, 2016, informação verbal).⁴

Castells (1999) afirma que a criação da internet traz consigo uma nova forma de se viver em sociedade, o que denomina sociedade informacional, na qual existe a possibilidade de conectar-se. Mulheres militantes do feminismo de Norte a Sul se conectam através dessa rede, e tal proposição é reforçada pelo seguinte trecho extraído do grupo focal:

Eu acho que o feminismo veio muito pra internet por causa disso, eu sempre falo que a gente encontrou vozes, e a gente sabe que se em algum momento a gente precisar, a gente pode contar com essas pessoas, apesar das diferenças ou mesmo com essas diferenças. A gente consegue estabelecer um diálogo em determinados momentos com mais pessoas, com menos pessoas, mas a gente sabe com quem a gente pode contar. Daqui eu, sou feminista negra, eu conheço meninas no Brasil inteiro! Eu tenho uma denúncia aqui, e eu jogo pra Laura, que é uma menina super conhecida, e pronto! Mando pra Winnie no Rio Grande do Sul, a Djamila, e a gente consegue jogar isso [sic] (RIBEIRO, 2016, informação verbal).⁵

O feminismo insurgente nas mídias sociais, irrompe justamente por conta das condições de possibilidades que permitem esse tipo de conexão, que reflete diretamente nas relações sociais entre as mulheres. As possibilidades de militância dentro do ciberespaço vão desde o direito a produzir seus próprios discursos (BENKLER, 2006) até a possibilidade de criar milhares de espaços de acolhimento através das teias de interconexões.

⁴ Entrevista concedida por CÂMARA, Flávia [set. 2016] durante o grupo focal. Entrevistadora: Nathália de Sousa Fonseca. Belém, 2016. 1 arquivo .mp3 (99min).

⁵ Entrevista concedida por RIBEIRO, Flávia [set. 2016] durante o grupo focal. Entrevistadora: Nathália de Sousa Fonseca. Belém, 2016. 1 arquivo .mp3 (99min).

Meu corpo, minhas regras, meu discurso

Benkler (2006, p.272). afirma que a internet pode ser vista como um espaço mais democrático que as mídias tradicionais, e a define como uma esfera pública interligada, na qual o cidadão é visto como um gerador de conhecimento em potencial, criador e orador de seus próprios discursos. Nele, sujeitos encontram um local que lhes permite a possibilidade de definirem a si mesmos, fugindo do discurso hegemônico que os assujeita.

Enquanto as mídias tradicionais se encontram dominadas pela hegemonia, as mídias digitais se mostram dispositivos de emancipação do discurso hegemônico. São mulheres falando por elas mesmas. Definindo-se e tomando para si o poder sobre essa fala. São mulheres (re)construindo saberes através da inteligência coletiva. Desmistificando os enunciados masculinos acerca de seu corpo, sua sexualidade, seu poder.

Quando fala sobre as vontades de verdade, Foucault afirma que o estabelecimento de um discurso como verdadeiro depende de quem produz o enunciado.

Através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 1999, p. 14).

A reivindicação do protagonismo, materializada no direito de discurso pelas mulheres é significativa, justamente pelo fato de que quem definiu as mulheres – através de um sistema histórico de exclusão – foram as verdades construídas pelo sujeito masculino. Ao longo da história, mesmo quando mulheres discursavam sobre mulheres, e até hoje, quando algumas o fazem, existe reprodução desse discurso hegemonicamente masculino. Às mulheres foi imposta a crença de que aquele era o discurso verdadeiro.

Em paralelo ao discurso da autodefinição, as mulheres encontraram possibilidades de aproximação e reconhecimento dentro do ciberespaço, uma subversão de um ideal patriarcal que as ensinou que as mulheres devem ter umas às outras como rivais em potencial. Essa ideia é contestada quando mulheres de regiões opostas do país

se reconhecem como sujeitos que compartilham os mesmos tipos de violência institucionalizada pelo patriarcado.

Eu sou muito a favor do ciberativismo, também faço parte da Rede de Mulheres Negras, que começou dessa forma. Primeiro, na verdade, a gente começou a articular o ônibus que ia pra Brasília lá pela UFPA, e aí formamos um grupo do whatsapp, mulheres lá da universidade que queriam isso, e começou assim. Tentando organizar o ônibus, e depois deu origem ao seminário e hoje em dia é a Rede. Logo no início foi muito assim a questão da página que a gente tem, que tem uma visibilidade muito grande nacionalmente. É interessante, como que de repente, tu tá aqui no Norte, e a gente sabe que quanto mais pra cima, nós temos essa dificuldade de comunicação, né, de contra-comunicação. E aí de repente tem mulheres de Uberlândia, São Paulo, Rio Grande do Sul com a mesma... trocando mensagem no inbox da página. E eu não tinha essa dimensão de como que a gente pode tá se conectando. E aí como também acreditar que ainda existem espaços, não somente quando a gente trata de Amazônia é importante a gente tá fazendo esse enfoque territorial (CÂMARA, 2016, informação verbal).

O que pode ser observado a partir da afirmação de Câmara, é que as próprias militantes feministas foram surpreendidas com as possibilidades de reconhecimento e troca encontradas na internet. Tal possibilidade discursiva é relevante para a história dos Movimentos Feministas, uma história que segundo Mohanty (1984) foi majoritariamente contada por mulheres de classes privilegiadas, deixando mulheres fora desse eixo de privilégio à mercê de um discurso hegemônico dentro do discurso feminista.

O feminismo pautado durante as ondas anteriores, foi um feminismo homogêneo, e acabou criando uma hegemonia produção de conhecimento que resultou no que Mohanty definiu como a assujeição das mulheres que estavam fora desse eixo de produção: a criação da “Mulher de Terceiro Mundo”, mulheres que dentro da hegemonia não eram “nós”, mas “outras”.

Não obstante, as condições de possibilidades do ativismo virtual são múltiplas, pois as vozes que ecoam no ciberespaço polifônicas. As “Mulheres de Terceiro Mundo” irrompem através de uma criatividade que floresce, espalhando sementes a qualquer que seja a pessoa disposta a repensar os papéis ocupados pelas mulheres. Os materiais de que são populares e recorrentes na linguagem expressiva das mídias sociais, como memes e GIFs, demonstraram ser uma ferramenta didática e acessível para a reverberação do discurso feminista diante de toda a sua pluralidade.

Considerações finais

A insurreição dos discursos feministas na internet aponta um momento totalmente novo na história do movimento, no qual cria-se a possibilidade de autodefinição para mulheres que no passado tiveram suas identidades reificadas por não possuírem espaço de fala. O que pode ser observado no alvorecer de uma quarta onda do feminismo é um processo de chamada do protagonismo para si, por parte das mulheres. As novas mídias trazem para os movimentos de mulheres condições de possibilidades para essa autodefinição. Tantas possibilidades de acesso trazem consigo uma quantidade igualmente relevante de pautas; hoje as mulheres discutem sobre a cultura do estupro, transfeminismo, relacionamentos abusivos, humanização do parto, legalização do aborto, solidão da mulher negra, entre outros temas. Isso se dá por conta da pluralidade dessa rede que já alcança 58% da população brasileira⁶.

A maneira como o feminismo irrompe em sua Quarta Onda não podia ser menos significativa. Ele instrumentaliza um dispositivo que tem como base a interatividade que é permitida pelas mídias sociais, em uma cultura participativa (JENKINS, 2009) – na qual mulheres silenciadas encontram espaço para apontar as especificidades de suas vivências e das violências que sofrem – que possibilita a construção de uma inteligência coletiva entre as mulheres. Os sujeitos do feminismo que habitam o ciberespaço descrevem, repensam, analisam e reconstróem a teoria feminista diariamente, a partir de suas próprias vivências. Nesse raciocínio, cada postagem escrita, replicada ou discutida e até criticada pode ser lida como a construção diária do saber feminista.

A discussão no grupo focal demonstrou que as feministas na Amazônia também estão ocupando os espaços virtuais, e agregando-os ao combate diário às estruturas do patriarcado, racismo e diferenças sociais. Também ficou visível entre as participantes o fato de que o ciberativismo feminista tem se mostrado cada vez mais indispensável para a militância, seja na organização de intervenções, na troca de conhecimentos ou no suporte a vítimas de violência.

⁶ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-09/pesquisa-mostra-que-58-da-populacao-brasileira-usam-internet>

Outro ponto relevante, instigador e até fonte de esperança, é a crença de que muitas identidades que hoje estão se formando já nascem inseridas na sociedade em rede, o que cria condições de possibilidades para serem atingidas pelo discurso da equidade entre os gêneros desde muito cedo, quem sabe proporcionando um contradiscurso imediato à socialização dessas crianças.

Ainda há um caminho longo a ser percorrido, o presente trabalho pretende abrir portas a questionamentos que ainda não foram levantados, ou mesmo aprofundar melhor as discussões aqui colocadas, o que pode ser feito por outras pesquisadoras do ciberativismo feminista, a partir de seus próprios lugares de fala, enriquecendo a discussão através da coletividade, levando em conta suas próprias subjetividades.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Círculo do Livro. São Paulo: 1986.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks**. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Editora Zahar. Rio de Janeiro: 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Salpaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005

_____. **Microfísica do poder**. 28. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 2010.

_____. **Verdade e subjetividade** (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2015.

HANISCH, Carol. **The personal is political**. Disponível em: <<http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>> acesso em 09/10/2016

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação / Henry Jenkins ; tradução Susana Alexandria. – 2a ed. – São Paulo : Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MONTEIRO, Silvana. **O Ciberespaço**: o termo, a definição e o conceito. 2007. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf> Acesso em: 29/11/2016.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.